

## **IMPLICAÇÕES SOTERIOLOGICAS DOS ATOS SALVÍFICOS DE DEUS NO LIVRO DO ÊXODO E NO NOVO TESTAMENTO**

### **SOTERIOLOGICAL IMPLICATIONS OF GOD'S SAVING ACTS IN THE BOOK OF EXODUS AND THE NEW TESTAMENT**

*Raimundo Nonato Gomes de Carvalho\**

**Resumo:** Este artigo propõe uma correlação estrutural entre a salvação no Êxodo e a salvação no Novo Testamento a fim de elucidar conceitos soteriológicos que tem sido alvo de controvérsias no meio teológico. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, como também, o método gramático-histórico de interpretação. Ao final da pesquisa, observou-se que a justificação é obtida unicamente mediante a fé independentemente das obras, entretanto a justificação opera numa transferência de domínio, a obediência atestada pelas obras que emergem como fruto da santificação consiste no elemento condicional que viabiliza a permanência na esfera desse novo domínio.

**Palavras-chave:** Soteriologia. Salvação. Justificação. Êxodo. Novo Testamento.

**Abstract:** This article proposes a structural correlation between Exodus salvation and New Testament salvation in order to elucidate soteriological concepts that have been the subject of controversy during Christian history. The methodology used was bibliographic research as well as grammar-historical method of interpretation. At the end of the research, it was observed that justification is obtained only through faith regardless of the works, however justification operates a transfer of dominion, the subjection attested by works that emerge as the fruit of sanctification is the conditional element that enables to remain in the sphere of this new domain.

**Keywords:** Soteriology. Salvation. Justification. Exodus. New Testament.

#### **Introdução**

A soteriologia, um dos campos mais debatidos da teologia cristã, gerou controvérsias ao logo da história. Paulo declarou que “o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3:28), enquanto Tiago parecia responder afirmando que “uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente” (Tg 2:24). Séculos depois, Martinho Lutero reacendeu essa questão ao desafiar a visão católica de salvação por obras e reafirmar a justificação pela fé, provocando o cisma entre católicos e protestantes.

Essa controvérsia levanta perguntas fundamentais: a justificação vem pela fé, pelas obras ou ambas? Qual o papel de cada uma no processo de salvação? Muitos estudiosos tentam responder a essas questões usando o Novo Testamento, mas suas respostas, embora teologicamente corretas, geralmente carecem de uma estrutura mais unificadora.

Este estudo parte da premissa de que a narrativa do Êxodo oferece uma estrutura que esclarece o conceito de salvação em Jesus. O objetivo é estabelecer uma correlação entre essas

---

\* Mestrando em Teologia Bíblica pela PUC-SP. Bacharel em Teologia pelo SALT-UNIAENE. E-mail: nonato.puc@hotmail.com

perspectivas e propor um modelo soteriológico que integre fé e obras, utilizando o método gramático-histórico e pesquisa bibliográfica.

## **1 A JUSTIFICAÇÃO REDENTORA**

Após Moisés ter sido estabelecido como libertador, o próximo elemento no divino plano salvífico para libertar o povo do cativo egípcio consiste em iniciar um processo de transferência de domínio, esse movimento implica em uma mudança de status em que Israel deixa de ser “servos dos egípcios” (Ex 5:15-16), para se tornarem “servos de Deus” (Lv 25:55).

A ideia desse movimento é claramente desenvolvida, a passagem de Êxodo 5:15-16 relata: "Então, foram os capatazes dos filhos de Israel e clamaram a Faraó, dizendo: Por que trata assim a **teus servos**? Palha não se dá a **teus servos**, e nos dizem: Fazei tijolos. Eis que **teus servos** são açoitados; porém o teu próprio povo é que tem a culpa" (Ex 5:15-16, grifo nosso). Essa passagem demonstra claramente a triste condição que Israel mantinha diante do opressivo monarca, entretanto após efetivada a transferência de domínio o Senhor declara: "Porque os filhos de Israel **me são servos; meus servos são eles**, os quais tirei da terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus" (Lv 25:55, grifo nosso).

Entretanto, aparentemente essa mudança de status não ocorre de forma automática, teria de ser desenvolvida mediante um procedimento de expiação de culpa cuja matriz conceitual aparentemente encontra-se no relato Êx 12:21–23:

Chamou, pois, Moisés todos os anciãos de Israel e lhes disse: Escolhei, e tomai cordeiros segundo as vossas famílias, e imolai a Páscoa. Tomai um molho de hissopo, molhai-o no sangue que estiver na bacia e marcai a verga da porta e suas ombreiras com o sangue que estiver na bacia; nenhum de vós saia da porta da sua casa até pela manhã. Porque o Senhor passará para ferir os egípcios; quando vir, porém, o sangue na verga da porta e em ambas as ombreiras, passará o Senhor aquela porta e não permitirá ao Destruidor que entre em vossas casas, para vos ferir (Êx 12:21–23).

O sacrifício do cordeiro pascoal envolvia a ideia de expiação (CHAMPLIN, 2001, v.1, p. 349), “de acordo com o padrão estabelecido pelo sistema sacrificial do AT, o sangue derramado do substituto cobria os pecados de alguém e aplacava a ira divina por adunação (morte reconciliatória)” (BEALE; CARSON, 2014, p. 539).

Diante disso, faz-se as seguintes perguntas: Por ocasião da páscoa judaica, a expiação mediante o sangue do cordeiro foi concedida mediante a fé? Mediante as obras? Ou ambas? Verifica-se que até esse ponto da narrativa, não havia ainda sido entregue a Israel os dez mandamentos juntamente com os demais estatutos. Portanto, não havia expectativa de um juízo

vingativo derivado do não cumprimento dessas leis, as pessoas foram salvas do "anjo destruidor" porque creram na palavra de Deus por intermédio de Moisés, elas lançaram mão da graça de Deus concedida unicamente mediante a fé, independentemente das obras. Na LLX a expressão grega traduzida por sangue em Êxodo 12:22 é αἷματος (*haimatos*), "sangue" (STRONG, 2002). Sendo assim, é possível ser estabelecido parcialmente o seguinte esboço estrutural da salvação na narrativa do Êxodo:

- A. A δούλων (*doulon*) "escravidão" sob o domínio egípcio.
- A. Expição mediante o (*haimatos*) "sangue" do cordeiro.
- A. A γῆν (*gen*) "terra" prometida.

Já no NT, quando Jesus é estabelecido como Salvador, o próximo elemento no divino plano salvífico para libertar as pessoas do cativeiro do pecado também consiste em iniciar um processo de transferência de domínio, esse movimento implica em uma mudança de status em que as pessoas envolvidas deixam de ser "escravos do pecado", para se tornarem "servos de Deus" (Rm 6:20). O apóstolo Paulo se refere a essa mudança de domínio nos seguintes termos:

Porque, quando éreis **escravos do pecado**, estáveis isentos em relação à justiça. Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais; porque o fim delas é morte. Agora, porém, **libertados do pecado**, transformados em **servos de Deus**, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna (Rm 6:20–22, grifo nosso).

Essa mudança de status corresponde ao conceito de justificação forense de Lutero, nessa perspectiva, o pecador recebe uma absolvição de natureza judicial por ser declarado justo por Deus. Blazen menciona:

O verbo "justificar" se baseia no hebraico *tsadaq* que significa "ser íntegro ou justo" e, na forma causativa (*hiphil*), "dar um veredito em favor de tratar ou declarar justo, absorver, vindicar, restaurar ao direito." [...] Os verbos hebraicos e gregos são forenses, significando que devem ser compreendidos no sentido de um pronunciamento que um juiz faz numa causa judicial. Se o juiz se pronuncia a favor do acusado, pronuncia um veredito de absolvição ou justificação; se a sua decisão é contra o acusado, o veredito é de condenação (BLAZEN, 2015, p. 313).

Entretanto, a mudança de status de "pecador" para "justo", de "escravos do pecado" para "servos de Deus" não ocorre de forma automática, ela é desenvolvida mediante um procedimento de expiação da culpa. Paulo declara: "Logo, muito mais agora, sendo **justificados pelo seu sangue**, seremos por ele salvos da ira" (Rm 5:9, grifo nosso).

O sangue que provê a mudança de status está disponível para redenção do ser humano porque "[...] Cristo, nosso **Cordeiro**, foi imolado (I Cor 5:7, grifo nosso)." Assim como na

narrativa do Êxodo, a justificação é obtida unicamente mediante a fé, independentemente das obras, Paulo declara: "sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus" (Rm 3:24).

No grego do NT, a expressão traduzida no texto de Rm 5:9 por "sangue" é a palavra αἷματι (*haimati*), "sangue" (STRONG 2002). Sendo assim, é possível ser estabelecido parcialmente o seguinte esboço estrutural da salvação no NT:

- A. A δοῦλος (*doulos*) escravidão sob o domínio do pecado.
- A. Justificação mediante o αἷματι (*haimati*) "sangue" de Cristo.
- A. A γῆν καινὴν (*gen kainen*) "nova terra".

## 1.2 A ALIANÇA

A transferência de domínio viabilizada pela provisão expiatória do sangue do cordeiro (Êx 12:21–23), só seria completada pela ratificação de uma divina aliança pactual (Êx 19:4–6). Somente então, Israel iria efetivamente integrar a esfera de domínio de Deus e obter mudança de status. O Senhor declara:

Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e **vos cheguei a mim**. Agora, pois, se diligentemente **ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança**, então, sereis a minha **propriedade peculiar** dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis **reino de sacerdotes e nação santa**. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel (Êx 19:4–6, grifo nosso).

A Aliança entre Deus e Israel englobava dois aspectos essenciais: de um lado, Israel se comprometeria em observar as divinas prescrições estabelecidas no "livro da aliança" (Êx 24:1–8), do outro lado, Deus tornaria Israel sua "propriedade peculiar", "reino de sacerdotes" e "nação santa" (Êx 19:5–6). A aliança deveria ser selada por meio do sangue de cordeiros sacrificais (Êx 24:1–8).

Moisés se tornou mediador dessa aliança entre Deus e Israel (Ex 24:1-11). Quando o povo aceitou voluntariamente os termos do pacto (Ex 24:7), submeteu-se ao novo senhorio divino.

Deus então ordenou Moisés subir ao monte afim receber de Suas mãos os dez mandamentos (Êx 24:12-18), ou seja, tão logo ocorreu a mudança de senhorio decorrente da ratificação da aliança, o novo Senhor imediatamente estabelece as normas que fundamentam as bases de seu governo, essas normas encontram expressão por meio dos dez mandamentos e demais estatutos pertinentes a teocracia que estava prestes a ser estabelecida.

Na LLX a expressão grega traduzida por aliança em Êxodo 19:5 é *διαθήκην (diatheken)*, “pacto” (STRONG 2002). Sendo assim, é possível ser estabelecido parcialmente o seguinte esboço estrutural da salvação na narrativa do Êxodo:

- A. A *δούλων (doulon)* “escravidão” sob o domínio egípcio.
- A. A expiação mediante o (*haimatos*) “sangue” do cordeiro.
- A. O *διαθήκην (diatheken)* “pacto” com Deus.
- A. A *γῆν (gen)* “terra” prometida.

No NT, o apóstolo Paulo resume o processo de salvação nos seguintes termos:

Porque, quando éreis **escravos do pecado**, estáveis isentos em relação à justiça. Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais; porque o fim delas é morte. Agora, porém, **libertados do pecado**, transformados em **servos de Deus**, tendes o vosso fruto para a **santificação** e, por fim, a vida eterna (Rm 6:20–22, grifo nosso).

A partir da análise desse resumo, é possível ser feito a seguinte pergunta ao texto: Qual é a base da santificação? Um paralelismo estrutural entre a narrativa do Êxodo e essa partícula do discurso de Paulo possivelmente forneça a resposta:

Narrativa do Êxodo	Discurso de Paulo em Rm 6:20
Servos dos egípcios (Ex 5:15-16), isentos em relação a expiação reconciliatória.	"Escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça" (Rm 6:20a).
Libertos dos egípcios (Êx 13:17).	"Libertos do pecado" (Rm 6:20b).
Aliança com Deus (Ex 24:1-11).	-
"sereis a propriedade peculiar [...] vós me sereis reino de sacerdotes" (Êx 19:5).	"Transformados em servos de Deus" (Rm 6:20b).
"Se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança" (Êx 19:5).	"o vosso fruto para a santificação" (Rm 6:20b).
Terra prometida (Êx 6:8).	"por fim, a vida eterna" (Rm 6:20b).

Esse paralelismo estrutural demonstra um elemento faltante no resumo que Paulo faz do processo de salvação, esse elemento diz respeito a aliança, verifica-se ainda que precisamente essa aliança é a base da santificação. Se essa análise estiver correta, conclui-se que as pessoas só podem verdadeiramente serem transformadas em "servos de Deus" (Rm 6:20) quando adentram em uma relação pactual com Deus, esse pacto é a base da santificação.

Que aliança seria essa? Por ocasião da falha de Israel em cumprir os termos da aliança do Sinai, ainda no AT é feita referência a nova aliança:

Eis aí vêm dias, diz o Senhor, em que firmarei **nova aliança** com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o Senhor. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: **Na mente, lhes imprimirei as minhas leis**, também no coração lhas inscreverei; **eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo** (Jr 31:33, grifo nosso).

Essa nova aliança envolve dois aspectos essenciais: de um lado, as pessoas envolvidas recebem as divinas leis impressas nas suas mentes e inscritas nos seus corações. Do outro lado, Deus se compromete a tomá-las por seu povo e ser seu Deus (Jr 31:33). A nova aliança foi ratificada por meio do sangue de Jesus, ele declara: "Este é o cálice da **nova aliança** no meu sangue derramado em favor de vós" (Lc 22:20, grifo nosso).

Por ocasião do estabelecimento do pacto no Sinai, Deus entregou ao povo seus dez mandamentos que tinham como função estabelecer as normas que fundamentam as bases de seu domínio. Quais são as normas que fundamentam o domínio de Deus no contexto da nova aliança?

Jesus declara: "Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra" (Mt 5:17–18).

Jesus não anulou a lei dada no Sinai (Mt 5:17), Blazen declara: "O conteúdo dessa nova aliança era a mesma do Sinai. Havia o mesmo relacionamento Deus-povo e a mesma lei" (BLAZEN, 2015, p. 312). Entretanto, o profeta Jeremias já antecipara que, por ocasião do estabelecimento da nova aliança, a lei seria impressa nas mentes e inscrita nos corações (Jr 31:33).

Jesus exemplificou a maneira como esse conceito funciona na prática, na mentalidade judaica uma pessoa que se eximisse de matar uma outra pessoa estava em pleno acordo com a lei de Deus entregue no Sinai que diz: "Não matarás" (Êx 20:13), mas Jesus declara: "Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento" (Mt 5:22).

Na mentalidade judaica, uma pessoa que se eximisse de manter relações sexuais com alguém já casado com outrem, estava em plena harmonia com a lei de Deus entregue no Sinai que dizia: "Não adulterarás" (Êx 20:14), Jesus, porém declarou: "Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela" (Mt 5:28).

A ética do reino de Cristo pode parecer severa, mas em realidade Jesus elevou o patamar da lei retirando-a da dimensão física e colocando-a na dimensão espiritual, retirou-a de sua dimensão externa e a trouxe para a dimensão interna do coração (VELOSO, 2015, p. 537). Na perspectiva de Cristo, de nada vale se eximir do assassinato físico ou do adultério físico enquanto o ódio ou desejo lascivo permeiam o coração, por isso Paulo declara: "Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra" (Rm 7:6). Na linguagem de Paulo, possuir a lei impressa na mente e inscrita no coração é equivalente a "servir em novidade de espírito" (Rm 7:6), ou ter o "fruto para a santificação" (Rm 6:22). Essa lei fundamenta as bases do domínio de Deus no contexto da Nova Aliança.

No grego do NT, a expressão traduzida em Lc 22:20 por "Nova Aliança" é *καινή διαθήκη* (*kaine diatheke*), "novo pacto" (STRONG 2002). Sendo assim, é possível ser estabelecido parcialmente o seguinte esboço estrutural da salvação no NT:

- A. A *δοῦλος* (*doulos*) escravidão sob o domínio do pecado.
- A. Justificação mediante o *αἷματι* (*haimati*) "sangue" de Cristo.
- A. O *καινή διαθήκη* (*kaine diatheke*) "novo pacto".
- A. A *γῆν καινήν* (*gen kainen*) "nova terra".

### 1.3 AS OBRAS NO NOVO DOMÍNIO

A partir do momento que Israel entra em uma relação pactual com Deus eles adentram a esfera do Seu senhorio. O que teria ocorrido se Israel tivesse permanecido fiel a aliança? Eles certamente chegariam a terra prometida e seriam para sempre "propriedade peculiar" de Deus, "reino de sacerdotes" e "nação santa" (Êx 19:4-6).

Infelizmente, o relato bíblico revela que não foi isso que aconteceu, ao Moisés demorar-se sobre o monte, o povo passou a divertir-se levemente e a adorar um bezerro de ouro (Ex 32:1-7). Ao chegar a terra prometida, Israel se tornou dividido entre a fidelidade ao concerto estabelecido com Deus e a adoração as divindades cananitas (II Cr 36:14-16), a consequência dessa escolha já havia sido prevista nos termos da aliança com Deus (Dt 30:15-20). Por fim, o livro do profeta Jeremias faz uma triste referência ao retorno de Israel para o Egito após a subversão de seu país pelos babilônicos (Jr 43:5-7).

Ou seja, a graça de Deus concedida a Israel unicamente mediante a fé os conduziu: a liberdade da escravidão (Êx 13:17), a presença de Deus (Êx 19:4), a uma aliança com Deus (Êx 24:5-8), e a aquisição de um novo status (Lv 25:55). A deslealdade para com os termos da aliança manifestado por meio de más obras (II Cr 36:14-16) fez com que Israel voltasse pelo mesmo caminho por onde vieram e se colocassem novamente sob o domínio dos egípcios (Jr

43:5-7). Sendo assim, é possível ser estabelecido parcialmente o seguinte esboço estrutural da salvação na narrativa do Êxodo:

- A. A δούλων (*doulon*) "escravidão" sob o domínio egípcio.
- A. A expiação mediante o (*haimatos*) "sangue" do cordeiro.
- A. O διαθήκην (*diatheken*) "pacto" com Deus.
- A. As obras no novo domínio.
- A. A γῆν (*gen*) "terra" prometida.

No contexto do NT, a partir do ponto em que as pessoas entram em uma relação pactual com Deus por meio da Nova Aliança feita com base nos méritos do sangue de Cristo, elas adentram a esfera do Seu senhorio e recebem um novo status, o apóstolo Pedro declara:

Vós, porém, sois **raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus**, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, **antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus**, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia (I Pd 2:9-10, grifo nosso).

O que ocorre se as pessoas permanecem fiéis a Nova Aliança feita com Deus? Elas certamente chegarão ao reino escatológico prometido por Cristo e permanecerão para sempre possuindo o mesmo status de "servos de Deus". O apóstolo João declara que nesse lugar: "Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os **seus servos o servirão**" (Ap 22:3, grifo nosso).

Infelizmente, o relato bíblico revela que isso não irá ocorrer em todos os casos, muitas pessoas, mesmo tendo sido justificadas, anulam a aliança com Deus por meio de más obras, e o resultado disso é que elas retornam pelo mesmo caminho por onde vieram e se colocam novamente sob o domínio do pecado, o apóstolo Pedro declara:

Portanto, se, depois de terem **escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo**, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o **caminho da justiça** do que, após conhecê-lo, **volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado**. Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão **voltou** ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal (2Pe 2:20-22, grifo nosso).

Verifica-se que a rebelião contra o senhorio de Deus, que atua dentro da esfera de seu domínio, faz com que o indivíduo que uma vez escapara das "contaminações do mundo" volte "para trás" e volte ao estado original que se encontrava no domínio anterior. O autor da epístolas aos Hebreus faz referência a esse retrocesso utilizando termos igualmente severos, ele declara:

Porque, se vivermos **deliberadamente em pecado**, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir **os adversários**. Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o **sangue da aliança com o qual foi santificado**, e ultrajou o Espírito da graça (Hb 10:26, grifo nosso).

Verifica-se que a rebelião contra o senhorio de Deus caracterizado pelas más obras do pecado, faz com que o indivíduo que uma vez recebera "o pleno conhecimento da verdade" e fora "santificado com o sangue da aliança" perca seu status de "servo de Deus" (Rm 6:20) e passe a ser considerado "adversário", e se fique a mercê do juízo escatológico de Deus como quando estivera antes de ser justificado.

Em resumo, verifica-se que, a graça de Deus concedida ao indivíduo unicamente mediante a fé (Rm 3:28) o conduz: a liberdade da escravidão do pecado (Rm 6:20), a reconciliação com Deus (Rm 5:10), a uma nova aliança com Deus por meio do sangue de Cristo (Hb 12:24), e a um novo status (Rm 6:20). A deslealdade para com os termos da nova aliança manifestado por meio de más obras do pecado (Hb 10:26) faz com que indivíduo volte pelo mesmo caminho por onde veio e se coloque novamente sob o domínio do pecado (2Pe 2:20–22) e a mercê dos juízos escatológicos de Deus (Hb 10:26). Sendo assim, é possível ser estabelecido parcialmente o seguinte esboço estrutural da salvação no NT:

- A. A δούλων (*doulon*) "escravidão" sob o domínio egípcio.
- A. A expiação mediante o (*haimatos*) "sangue" do cordeiro.
- A. O διαθήκην (*diatheken*) "pacto" com Deus.
- A. As obras no novo domínio.
- A. A γῆν (*gen*) "terra" prometida.

A partir dessa perspectiva conclui-se que Paulo não estava em erro quando diz que "o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei" (Rm 3:28), a fé em Cristo é o fator que origina a justificação, é o ato de Deus em fazer pelo ser humano aquilo que ele não pode fazer por si mesmo, ela declara o pecador justo conforme o conceito de justificação forense de Lutero, ela opera mudança de status e conduz o ser humano da escravidão do pecado até a esfera do domínio de Deus, tudo isso é um dom da graça de Deus obtido unicamente mediante a fé.

Em contrapartida, Tiago também não se encontra em erro ao declarar "que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente" (Tg 2:24). Embora as obras não originem a justificação, a ausência delas na esfera do domínio de Deus constitui-se em rebelião deliberada

contra esse domínio, conduz o indivíduo de volta a esfera do domínio anterior e anula a justificação obtida a priori.

Entretanto, faz-se importante verificar que Paulo anula as obras na justificação, enquanto Tiago não anula a fé, ele menciona apenas que “uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente” (Tg 2:24). Quando uma pessoa adentra ao domínio de Deus e recebe um novo status, ela não se torna dependente unicamente das obras para continuar a salvação, ela continua dependendo da graça de Cristo obtida unicamente pela fé. Isso será visto na sessão seguinte.

#### 1.4 EXPIAÇÃO NO SANTUÁRIO

A partir do momento em que Israel selou o pacto com Deus (Êx 24:5-8) eles receberam um novo status (Lv 25:55) e adentraram a esfera de Seu domínio. Porém, eles não se tornaram unicamente dependentes da obediência irrestrita aos termos da aliança para continuarem pertencendo a esse domínio.

Deus não é alheio a fraquezas decorrentes da natureza humana, sua graça salvadora propicia a oportunidade de Israel obter a reconciliação mesmo diante de ocasionais transgressões das suas leis, isso é demonstrado através dos rituais realizados no santuário. Cada vez que o indivíduo pecava contra Deus, ele não era simplesmente banido, mas tinha oportunidade de obter novamente continua justificação mediante o sangue do cordeiro (Lv 4:1-12) e assim permanecer subordinado ao senhorio de Deus.

Estes rituais praticados continuamente no santuário eram uma realidade comprobatória de que Deus nunca esperou perfeição de obras por parte de Israel, na esfera de seu domínio, Ele esperava que seu povo observasse suas leis e seus preceitos (Êx 19:5). Porém aquilo que faltava a eles em decorrência das limitações de sua natureza pecaminosa, era compensado mediante a graça de Cristo prefigurada por intermédio do sangue expiatório do Cordeiro continuamente oferecido no santuário.

Na LLX o termo traduzido por "santuário" em Êx 25:8 é *ἁγίασμα* (*hagiasma*). Sendo assim, é possível ser estabelecido um último elemento no esboço estrutural da teologia da salvação presente na narrativa do Êxodo:

- A. A δούλων (*doulon*) “escravidão” sob o domínio egípcio.
- A. A expiação mediante o (*haimatos*) “sangue” do cordeiro.
- A. O διαθήκην (*diatheken*) “pacto” com Deus.
- A. As obras no novo domínio.
- A. O ἁγίασμα (*hagiasma*) “santuário.”
- A. A γῆν (*gen*) “terra” prometida.

No NT, a partir do momento em que as pessoas entram em aliança com Deus por intermédio de do sangue de Jesus Cristo (Lc 22:30), elas recebem um novo status (Rm 6:20) e adentram a esfera de seu domínio. Entretanto, eles não se tornaram totalmente dependentes da obediência irrestrita aos termos da nova aliança para continuarem pertencendo ao domínio de Deus.

Deus não é alheio a fraquezas decorrentes da natureza humana, sua graça salvadora propicia contínua oportunidade do indivíduo obter a reconciliação mesmo diante da transgressão das leis que lhe foram impressas na mente e inscritas no coração (Jr 31:33). Isso é possível através do ministério de Cristo no santuário celestial:

Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna (Hb 4:14–16).

Nesse contexto, o ensino de Lutero "*simul justus et peccator*", parcialmente, faz sentido já que, a mudança de domínio não torna o homem perfeito, o ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial (Hb 9:24) é uma realidade comprobatória de Deus nunca esperou tal perfeição na esfera de seu domínio. Ele espera que seus servos andem em santificação (Rm 6:20). Porém, aquilo que lhes falta em decorrência das limitações da natureza pecaminosa, é compensada mediante a graça de Cristo (I Jo 2:1) que, “não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção (Hb 9:12)”.

No grego do NT, o termo traduzido como “santuário” em Hb 8:2 é *ἁγίον* (*hagion*).

Sendo assim, é possível ser estabelecido um último elemento no esboço estrutural da teologia da salvação presente no NT:

- A. A *δούλων* (*doulon*) “escravidão” sob o domínio egípcio.
- A. A expiação mediante o (*haimatos*) “sangue” do cordeiro.
- A. O *διαθήκην* (*diatheken*) “pacto” com Deus.
- A. As obras no novo domínio.
- A. O *ἁγίον* (*hagion*) “santuário”.
- A. A *γῆν* (*gen*) “terra” prometida.

## **Considerações finais**

Na introdução do presente artigo foram realizadas as seguintes perguntas de pesquisa: A justificação é concedida mediante a fé? Mediante as obras? Ou ambas? Qual é lugar da fé e obras no processo de salvação?

Verificou-se ao longo da pesquisa que a resposta a estas perguntas varia de acordo com a posição que o indivíduo ocupa no plano espiritual: Se o indivíduo se encontra no domínio da escravidão do pecado, a justificação é obtida unicamente mediante a fé, independente das obras, conforme o ensino de Paulo. A fé é o fator original de justificação, ela conduz a uma aliança com Deus, a uma mudança de status e a esfera de Seu domínio.

Se o indivíduo já se encontra no domínio de Deus, então a justificação é obtida pelas obras conforme o ensino de Tiago, não, porém, no sentido de que as obras originam a justificação, mas no sentido de que a ausência delas a anula. As más obras equivalem a quebra da aliança com Deus estabelecida a priori, a rebelião o conduz de volta ao domínio do pecado, anula os efeitos da justificação e novamente torna o indivíduo sujeito aos juízos escatológicos de Deus. Portanto o lugar da fé no processo de salvação é obtê-la, o lugar das obras no processo de salvação é continuá-la.

Verificou-se porém, que na esfera do domínio de Deus o indivíduo não é dependente exclusivamente das obras para a salvação, que Deus não é alheio a fraquezas decorrentes da natureza humana, sua graça salvadora propicia a contínua oportunidade de remissão mesmo diante da transgressão das leis que compõe a esfera de seu domínio, isso ocorre quando o crente penitente e arrependido lança mão da obra mediadora de Cristo no santuário celestial. Dessa forma, mesmo sendo pecador, o indivíduo não é banido para o domínio do pecado, antes ele permanece na esfera do domínio de Deus possuindo o status de “servo de Deus”, “justo”, “justificado” e portanto salvo.

## **Referências**

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CHAMPLIN, R. N. **O antigo testamento interpretado**: versículo por versículo. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 1.

G. K. Beale (Org.); D. A. Carson (Org.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**., 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BLAZEN, Ivan T. Salvação. *In*: DEDEREN, Raoul. **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. Cap. 8, p. 305-351.

FOWLER, John M. Pecado. *In*: DEDEREN, Raoul. **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. Cap. 7, p. 262-304.

KNIGHT, George R. **A mensagem de 1888**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Uma igreja mundial**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

VELOSO, Mario. A Lei de Deus *In*: DEDEREN, Raoul. **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. Cap. 8, p. 510-597.

STRONG, J. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

*Recebido em: 04/11/2024*

*Aprovado em: 16/11/2024*